

SEXUALIDADE E SUAS ARTICULAÇÕES NO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM, A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo IFSP Araraquara – SP

Gabriella Rossetti Ferreira

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP
Araraquara – SP

Paulo Rennes de Marçal Ribeiro

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP
Araraquara – SP

Silmário Batista dos Santos

RESUMO: A sexualidade é algo inerente ao ser humano, e tem sido objeto de estudos e pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Por mais que ainda seja um assunto difícil de trabalhar, as tecnologias digitais estão sendo vistas como uma opção ao esforço de sensibilização, (in) formação e educação em prol da minimização da falta de conhecimentos em educação sexual. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi analisar a estrutura e os conteúdos abordados nos cursos, por meio de documentação e entrevista com os responsáveis. Os resultados permitiram concluir: as formações contribuem para disseminar a educação sexual nos estados brasileiros, porém, carecem de continuidade e acompanhamento; esse tipo de formação não exclui a necessidade da formação inicial em

educação sexual; todos os cursos se atentaram em entrelaçar os temas: escola, diferenças de gênero, currículo e o PCN; e, todos os cursos analisados foram pensados a partir da ótica de que as tecnologias digitais quando usadas a favor da educação, podem ajudar na falta de formação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação sexual. Tecnologia digital. Formação.

ABSTRACT: Sexuality is something inherent to the human being, and has been object of studies and research in several areas of knowledge. Although it is still a difficult subject to work on, digital technologies are being seen as an option for the effort of sensitization, (in) training and education in order to minimize the lack of knowledge in sex education. Therefore, the objective of this research was to analyze the structure and contents covered in the courses, through documentation and interview with those responsible. The results allowed to conclude: the formations contribute to the dissemination of sex education in the Brazilian states, however, they lack continuity and follow-up; this type of training does not preclude the need for initial training in sex education; all the courses have tried to interweave the themes: school, gender differences, curriculum and NCP; and all courses analyzed were thought from the perspective that digital technologies when used in favor of

education can help in the lack of training.

KEYWORDS: Sex education. Digital technology. Formation.

1 | INTRODUÇÃO

Existe a necessidade de mudanças no processo de formação de professores no que se refere aos assuntos relacionados a sexualidade e a educação sexual. Estes são assuntos que encontram-se em evidência no primeiro decênio do século XXI, e ganham cada vez mais notoriedade na sociedade, carecendo de ser devidamente discutidos, principalmente dentro do âmbito escolar.

Um dos fatores que contribuem para a atual evidência destes assuntos são decorrentes das mudanças nas normas e valores sociais, e sobretudo na estrutura social patriarcal que vem sendo progressivamente corroída. Na virada deste século, a mídia foi preenchida por debates sobre o casamento gay, sendo possível acompanhar histórias de casais homossexuais que adotam crianças ou que lutam pela sua custódia. A intimidade, relacionamentos, família e identidade foram re-significadas e, embora difícil de definir, nos tempos contemporâneos, estas têm sido descritas por características plurais, mutáveis e até mesmo líquidas (BAUMAN, 2010; GIDDENS, 1992; VAITSMAN, 1994).

O conhecimento sobre assuntos relacionados a sexualidade são adquiridos pela apropriação da prática histórico-cultural, que faz parte das relações de poder e das relações de gênero de cada momento histórico. Faz-se necessário a formação inicial dos educadores, onde eles sejam capacitados para atuar com competência e qualidade adequada para enfrentar os diversos desafios relacionados a esta temática.

Deste modo, é inevitável fazer menção à escola, importante instância social, responsável pela formação do ser cognoscente e sexuado, porém, está ainda encontrando-se permeada por atitudes que buscam refrear qualquer tipo de manifestações ou questões relacionadas a sexualidade. Deste modo, enquanto a escola não oferecer possibilidades concretas de legitimação das diversidades, seja por meio das falas, dos textos, das imagens, ela não estará cumprindo de maneira integral a sua função, que é a de formar os cidadãos em plenitude.

É no ambiente escolar que os estudantes vão construir suas identidades individuais e de grupo, e podem também exercitar o direito e o respeito às diferenças. Devido à relevância desta instância, Maia e Ribeiro (2011) chamam a atenção para a importância da introdução do tema sexualidade, pois, a escola é o lugar mais propício para realizar educação sexual. Primeiro porque se começa a frequentá-la desde pouca idade e idealmente espera-se que o indivíduo nela permaneça até os dezoito, quando termina o Ensino Médio. Segundo, porque a escola tem por função social a transmissão do saber historicamente acumulado e de uma dimensão ético-política, e espera-se que nesta instância os educandos aprendam a questionar, refletir e se posicionar sobre atitudes relativas à sociedade, cidadania, e direitos humanos,

formando assim cidadãos críticos e autônomos.

Neste intento, compete à escola oportunizar uma educação diferenciada, despida de valores morais, baseada na produção de saberes científicos, propiciando aos alunos acesso à educação sexual formal, e a discussões sobre os aspectos culturais e históricos da sexualidade, o que requer devido preparo e formação dos profissionais que vão implementá-la.

Uma das maneiras de atender à necessidade dos professores no que tange à formação em sexualidade, é por meio do uso das Tecnologias Digitais, que dão suporte às comunidades virtuais de aprendizagem e propiciam meios e ferramentas que podem ajudar a sanar/amenizar as dificuldades de formação dos mesmos em relação a este assunto.

As Tecnologias Digitais são capazes de ser utilizadas por qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, e são fundamentadas nas interações sociais e na colaboração entre os participantes, que estão reunidos em um esforço comum de procura de informação, compreensão e aplicação, o que permite maiores discussões sobre distintos temas, entre eles a sexualidade.

É importante salientar que a Educação a Distância (EAD), revestida com o uso da tecnologia avançada que é a internet, vem acompanhada de interesses que são considerados importantes para o desenvolvimento da qualidade do ensino no Brasil. Por este motivo, o seu objetivo também esbarra na formação de professores, sendo usada como ferramenta e objeto de aprendizagem.

É neste interim que a EAD ganha espaço na política educacional, pois se apresenta como medida para equacionar a deficiência da formação de professores e como uma forma de repensar a organização, gestão, espaço, definição de tempo nas escolas e as formas de ensinar e aprender. Considerando a lacuna na formação dos professores, alguns pesquisadores se propuseram a elaborar e implementar formações voltadas para o ensino da sexualidade e educação sexual, empregando as Tecnologias Digitais.

2 | ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A partir do movimento de reestruturação produtiva dos anos 90, novos apelos, diagnósticos e propostas foram feitas em direção a mudanças na educação que pudessem garantir a formação de profissionais melhor qualificados para as novas exigências do mercado de trabalho, bem como, em última instância, a formação de cidadãos adequados ao modelo de sociedade de consumo, bens e serviços que se produz através da lógica do capital. Todo esse movimento acaba por alcançar a formação e o desenvolvimento de educadores.

O fenômeno dos anos 90 veio acompanhado pela explosão das novas tecnologias, especialmente as baseadas na microeletrônica, e também pela febre

dos programas da chamada educação continuada. Seguramente, tanto as novas tecnologias quanto a educação continuada trouxeram elementos novos para o cenário educacional e puderam proporcionar avanços significativos para a sociedade em geral e, particularmente no que se refere a educação.

Os avanços do mundo fazem com que a internet tenha cada vez mais peso nas atividades de formação de professores, devido aos avanços e as possibilidades educativas que esta oferece. Isto pode ser interpretado como novas expectativas e ao mesmo tempo, o lançamento de novos desafios para a educação.

Importante salientar que as mudanças na sociedade e conseqüentemente dentro da escola ainda geram nos professores uma insegurança quanto aos conteúdos que devem ser ensinados e qual a metodologia a ser empregada. Pois, as mudanças ocorridas provocam alterações diretas no trabalho docente, aumentando as obrigações e responsabilidades de todos os responsáveis por ela.

A EAD é vista como uma das possibilidades de dar aos professores condições de continuar com a sua formação. No cenário educacional contemporâneo a EAD vem ganhando cada vez mais destaque, pois tal modalidade de ensino possibilita a democratização da educação, e também o aumento da formação dos sujeitos que podem ter acesso a formação continuada e ao aperfeiçoamento de determinadas temáticas, mesmo distantes geograficamente.

No que diz respeito a formação de professores na modalidade EAD, muitos Pesquisadores e especialistas, dentre eles Almeida, Kenski, M. Alonso e Alegretti, Harasim e outros, consideram a EAD com uma possibilidade, pois vem alcançando significativa eficiência na formação docente. Constatam e concordam que a EAD vem viabilizando a capacitação, a qualificação e a formação contínua de grande número de profissionais em reduzido espaço de tempo.

Por meio da formação continuada à distância, apoiada das tecnologias digitais é possível criar espaços para discussões e reflexões sobre o que se refere a sexualidade, relações de gênero, diversidade, raça/etnia, para além da inserção apenas no espaço escolar, podendo alcançar a formação do ser humano em sua plenitude, aquele que trabalha, convive com a família, constrói relações e etc. Isto vislumbra um progresso no relacionamento professor-aluno, no processo de ensino-aprendizagem e também no trabalho do professor, uma vez que ele poderá refletir sobre as questões ligadas a sexualidade e à Educação Sexual, fazendo-o repensar sobre o seu papel e a sua capacidade de ser hábil com os alunos para trabalhar valores, atitudes e sentimentos.

De acordo com Rossi, Freitas e Chagas (2012), a formação inicial e continuada deve possibilitar problematizações ao futuro professor que já está na escola, formando uma rede social de estudos, proposições, discussões, com leituras e criações significativas e contextualizadas de atividades instigantes para os alunos de diferentes níveis escolares. Ainda segundo tais autoras (2012, p.38),

a formação continuada no Brasil em educação sexual aparece por ter uma demanda nas várias instituições escolares no país. Tem como prioridade e necessidade discutir, entender e enfrentar a homofobia, o sexismo, a violência, o preconceito, o bullying entre as relações de gênero, que tanto se manifestam na escola, apoiadas pela construção que a sociedade tem exigido com referência a estas temáticas, devido à grande violência que o país atravessa.

A implementação da educação sexual esbarra também no interesse de diminuir os índices de gravidez não planejada entre os adolescentes, de contaminação pelas doenças sexualmente transmissíveis (DST) entre os jovens, da violência e preconceito contra aqueles que têm uma opção não heterossexual, do combate a violência sexual contra a criança, esclarecendo os limites aceitáveis socialmente de incursões corporais, conscientizando-as de seus direitos, e com a intenção de trabalhar com conteúdos e discussões que promovam respeito a diversidade.

Alguns estudos como os de Senatore e Ribeiro (2001) Leão (2009, 2012) trazem à tona o despreparo dos professores e demais profissionais da educação para atuar com a educação sexual, visto que não tiveram contato com este conteúdo na formação acadêmica.

Rossi, Freitas e Chagas (2012) asseguram que entendem as dificuldades relacionadas com a inclusão de temas ligados a sexualidade, educação sexual e às relações de gênero dentro da escola, pois a maioria das Universidades ainda resistem a inclusão destes temas na formação inicial de seus alunos, razão pela qual fica por conta da formação continuada a responsabilidade de preencher está lacuna deixada da formação inicial.

Chagas, Freitas e Melo (2010, p.12) esclarecem,

entre as comunidades virtuais suportadas pela internet, as Comunidades de Aprendizagem e as de Prática têm despertado grande atenção junto a especialistas de várias áreas da educação devido às suas potencialidades de gerar ambientes que possibilitam e incentivam a colaboração entre os participantes. No momento atual, de grande expansão da Educação a Distância, os processos que conduzem à criação e sustentação destas comunidades se revestem de particular relevância e pertinência. Nelas participam pessoas das mais diferentes proveniências e formações, reunidas num esforço comum de procura de informação, compreensão e aplicação.

Nesse sentido as Tecnologias Digitais são instrumentos importantes para a inserção de novas práxis cotidianas de sala de aula a respeito da temática sexualidade e relações de gênero, diversidade, os quais são pouco discutidas na formação inicial em geral. Pensando nisso muitos profissionais da educação tem feito a junção das possibilidades que a EAD e as Tecnologias Digitas, na tentativa de sanar a falta de formação em sexualidade e educação sexual, criando iniciativas a distância e/ou presenciais. Assim, o objetivo deste trabalho é fazer uma análise por meio de documentação, dos conteúdos aplicados em cursos a distância com momentos presenciais, de formação de professores na área da sexualidade, verificando como estes foram elaborados e implementados.

3 | ABORDAGEM METODOLÓGICA

A análise foi realizada através da coleta de materiais disponibilizados na internet, livros e artigos, sendo este um momento de acumulação cega dos documentos. Posteriormente análise dos materiais disponibilizados pelos responsáveis pela oferta dos cursos.

Para Bardin (1977, p. 42), análise do conteúdo pode ser definida como sendo:

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas.

Na pesquisa qualitativa não existe hipóteses pré-concebidas, estas são construídas após a observação, ou seja, permite a ênfase na indução. O tempo todo são levadas em consideração a subjetividade e a interpretação feita pelo pesquisador durante o processo de estudo, assim supõe um corte temporal-espacial de algum fenômeno, por parte do pesquisador. Este corte define o campo e a dimensão que o trabalho será desenvolvido.

RESULTADOS

Dados encontrados na internet, livros, artigos, ementa dos os cursos. Ao iniciarmos a pesquisa, achamos vários cursos e iniciativas realizadas pela Universidade X, porém o que mais se aproximou do interesse desta pesquisa foi elaboração do curso on-line, realizada na disciplina “Tecnologias e Formação de Professores: interfaces com a temática educação sexual” do Programa de Pós-graduação em Educação, sendo o seu desenvolvimento parte das atividades dessa disciplina. Sendo que, de acordo com os dados encontrados, o curso foi dividido da seguinte maneira:

- 1^a) trabalhar os conceitos de educação sexual e sexualidade como inseparáveis do ser humano, em processo de construção pelas relações humanas no mundo e a formação de professores voltada a um processo de educação sexual intencional e nele a possibilidade de uso de vários recursos tecnológicos.
- 2^a) aprofundamento do entendimento de tecnologia e a importância de se fazer um uso crítico e pedagógico dela.
- 3^a) apresentação de uma síntese do curso elaborado usando o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) MOODLE, para o aprofundando das noções sobre essa plataforma, as percepções das autoras sobre o processo e os resultados da construção desse protótipo de curso de educação sexual voltado para a formação de professores. Nele encontra-se seus objetivos, conteúdos e metodologias e finalizando o texto descrevendo as contribuições desse processo para a formação de suas autoras, na busca de propiciar a ampliação de uma reflexão sobre os desafios e possibilidades na construção de práticas educativas emancipatórias, práticas essas sempre plenas de sexualidade. É possível perceber que as temáticas definida para o tra-

balho durante o curso foram realmente decididas e finalizadas após a sensibilização dos/as cursistas para a existência da dimensão da sexualidade e para o processo de educação sexual como sempre presente nas relações humanas no mundo.

O público-alvo do curso eram professores e demais profissionais da educação em espaços escolares formais. Sendo o objetivo geral: buscar a sensibilização para a compreensão de que todos os humanos são seres sexuados e, portanto, educam e são educados também sexualmente em todas as relações estabelecidas entre as pessoas mediadas pelo mundo.

Os objetivos específicos: oportunizar a reflexão crítica e o debate sobre conceitos básicos em relação à sexualidade; compreender o processo de educação sexual como parte inseparável do processo educacional da humanidade e o de conhecer a história da sexualidade como importante expressão da construção cultural humana de cada sociedade.

Vale ressaltar que a temática e os objetivos definidos implicaram em selecionar conteúdos com reflexões sobre a sexualidade como dimensão ontológica humana, portanto educação sexual como sendo um processo sempre presente em todas as relações interpessoais, mesmo podendo ainda não existir a consciência de muitos sobre esse fato.

A avaliação foi realizada baseada nos seguintes critérios: o envolvimento, a participação, o comprometimento e entrosamento entre os cursistas, em todas as atividades, no sentido da sensibilização para uma proposta de discussão sobre a sexualidade que busca despir-se de seus vários preconceitos, mitos e tabus. Sendo considerado também a frequência, entendida como participação no momento presencial e nas atividades do AVA MOODLE e a realização de todas as tarefas, em especial a escrita do memorial (MELO, VARELA, KORNTAZKI, 2013).

Outro curso encontrado na pesquisa realizada foi o intitulado “Sexualidade e Formação Inicial: dos currículos escolares aos espaços educativos”. Este curso fez parte da coleta de dados de uma pesquisa de mestrado. Os participantes eram compostos de alunos que estavam cursando a licenciatura, totalizando trinta e dois alunos. A modalidade semipresencial, com atividades a distância realizadas a partir da plataforma moodle, justifica-se porque o público-alvo encontrava-se realizando a graduação e, por vezes, sem tempo de realizar um curso que na modalidade presencial, devido aos estágios, trabalhos e atividades de cada um.

O curso foi composto por 40 horas de trabalho, tendo duração de 3 meses. As discussões foram organizadas em três eixos temáticos: sexualidade, corpo e identidades de gênero e sexual. Sendo que, ao longo do percurso do curso os participantes foram sugerindo e mostrando curiosidade para algumas outras questões, sendo estas, na medida do possível, trabalhadas também nos momentos presenciais e/ou a distância.

O objetivo era possibilitar que mais alunas/os, de diferentes licenciaturas, pudessem realizar o curso e pensar sobre as discussões acerca da sexualidade nas

suas graduações e também, através das atividades a distância, poderiam ser realizadas problematizações e leituras mais aprofundadas acerca da temática discutida, situação que não aconteceria com um curso somente presencial, leituras essas que seriam o referencial teórico para os licenciandos estarem construindo seus entendimentos sobre a sexualidade, bem como embasando sua futura prática docente.

Na plataforma moodle as ferramentas usadas foram a realização e postagem de tarefas a partir de leituras e discussões teóricas feitas pelos alunos, a realização de fóruns que são espaços de discussões considerados como salas de aulas virtuais, nos quais as/os licenciandos puderam interagir com as/os colegas e a construção de um texto coletivo com a utilização da ferramenta WIKI. (RIZZA, 2011).

Outro curso que participou das nossas análises foi o Gênero e Diversidade na Escola (SECAD/MEC1), cujo objetivo é discutir como os profissionais da Educação Básica conhecimentos acerca da promoção, respeito e valorização da diversidade étnico-racial, de orientação sexual e identidade de gênero, colaborando para o enfrentamento da violência sexista, étnico-racial e homofóbica no âmbito das escolas. Ao longo deste curso buscamos articular a experiência dos/as pesquisadores/ as do Grupo de Pesquisa, do qual somos integrantes, com as produções de outros/as pesquisadores/as que vêm desenvolvendo estudos que articulam as teorizações dos Estudos Culturais e da Educação, agregando, ainda, as contribuições da História do Corpo, da Ciência, da Saúde, dos Estudos Gays e Lésbicos, dos Estudos Negros e da Educação Ambiental. Público: professores/as, orientadores/as, supervisores/ as, diretores/as, secretários/as, coordenadores/as pedagógicos/as, faxineiros/as, entre outros da rede pública.

O curso foi organizado em cinco módulos a distância, sendo a carga horária de duzentas horas. Além dessas, foram desenvolvidas cento e sessenta horas-aula na plataforma Moodle, bem como, foram realizadas quarenta horas-aula de atividades presenciais, distribuídas em três encontros (início, meio e final do curso). O fórum foi uma das ferramentas mais usada da plataforma moodle. Concluíram que a partir da análise desses e dos outros projetos desenvolvidos, tivemos indícios de que as discussões e problematizações promovidas ao longo do curso Gênero e Diversidade na Escola possibilitaram que os/as cursistas (re)pensassem alguns (pré)conceitos, organizassem e desenvolvessem ações pedagógicas nos seus ambientes escolares. (RIBEIRO, QUADRADO, 2010).

Informações gerais sobre o GDE: o curso Gênero e Diversidade na Escola – GDE é resultado de uma articulação entre diversos órgãos de Governo Brasileiro (SPM, SECAD, SEPIR), o British Council (Reino Unido) e o CLAM-UERJ. O público foi composto por professores da rede pública de ensino fundamental, com prioridade para os que lecionam entre a 5ª e a 8ª séries (hoje, 6º a 9º anos), na modalidade a distância.

Oferecido em versão piloto no ano de 2006, para 1200 professores de seis municípios brasileiros – Porto Velho, Dourados, Salvador, Maringá, Niterói e Nova

Iguaçu), esse curso de aperfeiçoamento tem carga horária de 200 horas e enfoca em seus módulos, de maneira articulada, as temáticas da equidade de gênero, das relações étnicas e raciais e da diversidade da orientação sexual, numa proposta de instrumentalizar a comunidade escolar para transformar as práticas de ensino, desconstruir preconceitos e romper o ciclo perverso da reprodução do preconceito e da discriminação, na escola.

A partir de 2008, a oferta do curso GDE passou a se dar por meio de editais SECADUAB (001/ 2008 e 026/2009), abertos para todas as instituições públicas de ensino superior. Sendo assim, a cobertura se ampliou para todo o território nacional, pela atuação de primeiro 19 (dezenove) e, depois, 26 (vinte e seis) instituições parceiras.

Hoje, alguns milhares de professores da rede pública de todo o Brasil fizeram ou fazem esta formação, cujo trabalho de conclusão é sempre definido como a elaboração de um projeto de intervenção, relacionado a uma das temáticas discutidas, a ser implementado no ambiente escolar.

Possibilitou, também, a formação concomitante de um grupo grande de professores/as da Educação Básica em Tecnologias Digitais –, uma vez que o curso ocorria prioritariamente via plataforma Moodle. O uso desta tecnologia, da formação a distância, é fundamental em um país como o Brasil, no qual as distâncias são enormes e as diferenças regionais também. Os locais em que inexistem Centros de Formação das Universidades, devido às contingências geográficas/políticas e sociais do país, puderam ser contemplados a partir do uso da plataforma. Esta é uma alternativa que fascina, tanto pelo contato com as Tecnologias Digitais –, ao alcance da maioria dos professores/as, como pela temática abordada, atual, legítima e também causadora de estranhamento.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as constatações realizadas, as iniciativas de formação educação sexual têm contribuído para disseminar conhecimentos sobre o assunto nos diferentes estados brasileiros, mas apesar de haver um aumento significativo na quantidade de formação desses docentes, ainda estamos em uma fase de transição que necessita ser mais fomentada, considerando que as resistências são grandes.

De maneira geral, os cursos, por vezes, padecem da falta de continuidade e acompanhamento dos professores, tornando difícil uma avaliação a longo prazo, que mostre se a forma e os conteúdos foram efetivos. Essas formações precisam ser constantemente realimentadas, para que os professores se sintam apoiados e fortalecidos para a realização deste trabalho no âmbito escolar.

É importante ressaltar que, este tipo de formação, analisada na presente pesquisa, é importante, porém não exclui a necessidade de que haja formação inicial,

na própria graduação, com disciplinas que abordem conteúdos relativos à sexualidade humana, diversidade sexual, gênero, pois estas contribuirão de maneira mais eficaz e abrangente para a inserção de uma ES no cotidiano escolar, visto que, ajudarão o jovem profissional a iniciar na carreira com um olhar mais sensibilizado para tais questões.

A partir da análise da entrevista, e dos sentidos que foram produzidos a partir da fala de cada responsável pelo curso, foi possível concluir que todos os cursos foram pensados a partir da ótica de que as tecnologias podem ajudar os professores a obterem uma formação, tanto inicial quanto continuada, sobre a sexualidade e educação sexual. Todos os responsáveis pelos cursos demonstraram uma opinião favorável ao uso das tecnologias digitais, e consideram os cursos uma profícua ferramenta para que haja formação voltada para educação sexual

De acordo com o fato citado acima, fica evidente quando todos os responsáveis descrevem que, ao longo da sua trajetória acadêmica e de vida, sempre houve um momento em que as tecnologias foram usadas para fins educativos, o que fez com que os mesmos a valorizassem e se empenhassem para usá-las da melhor maneira no decorrer dos seus trabalhos.

Isto só se tornou possível, como aponta a literatura, pois a partir de 1990 a EAD acabou tomando um novo rumo no Brasil, e apareceu mais nitidamente no âmbito das políticas educacionais, sobretudo nos dispositivos legais, culminando em ações que mostraram e mostram a elevação do seu status no âmbito do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e também, em iniciativas e medidas políticas que se articularam aos processos de diversificação e diferenciação institucional implementadas no bojo das reformas para a educação superior e de formação de professores no Brasil.

Assim sendo, todos os responsáveis pelos cursos, entrevistados nesta pesquisa, estão inseridos em um contexto de valorização às tecnologias associadas à educação e de entendimento de que a sexualidade é parte integrante de todo o ser humano e deve fazer parte da sua formação, seja ela inicial ou continuada.

Um fator que foi levado em consideração na montagem e aplicação dos cursos é que a EAD requer cuidado na preparação dos materiais, assim como, na adequação de estratégias tradicionais ao ambiente de aprendizagem. A interação no ambiente da EAD se dá em uma perspectiva diferente da que existe na educação presencial, pois as atividades precisam ser selecionadas considerando que a comunicação será estabelecida por alguma forma de tecnologia.

Diversos meios podem ser utilizados separadamente ou de forma combinada, de modo que a presença do professor seja sentida por intermédio de pelo menos um canal de comunicação. As ferramentas síncronas, de acordo com os responsáveis pelo curso, possibilitaram a aproximação entre aluno-aluno e aluno-professor, facilitando um maior contato entre eles. Em consequência do maior contato foi sendo gerado um ambiente de trocas mais frequentes, o que na maioria das vezes, acontece em cursos somente presenciais.

A ferramenta usada para a aplicação do curso foi o MOODLE, e os canais de comunicação escolhidos são: fórum, chat, postagens de atividades e vídeo aulas. No caso dos cursos analisados aqui, o moodle foi utilizado em seu formato original, o qual possui uma estrutura de navegação fácil e intuitiva, dividida em três blocos. Na coluna à esquerda, da plataforma moodle, é possível habilitar os blocos com as últimas notícias, atividades e calendário.

As tecnologias e mídias têm propiciado uma maior abertura para a discussão do tema sexualidade e ES, porém, o consumo acrítico desses conhecimentos tem gerado concretamente mais dúvidas, conclusões e encaminhamentos incorretos. É importante que os professores se entendam não apenas como consumidores de tecnologias, mas, sobretudo, como produtores, vislumbrando que, ao longo do processo educacional, isso também seja passado para os alunos, para que haja uso consciente e crítico-reflexivo dessas tecnologias e das mensagens disponibilizadas por elas. A longo prazo, isso pode levar a um processo de emancipação e transformação das realidades sociais.

Aparecem constantemente, nas análises das entrevistas, relatos de que os professores participantes dos cursos, comentaram que se não fossem essas iniciativas de formação, eles não teriam oportunidade de aprender sobre sexualidade e educação sexual. Há uma valorização dessas iniciativas públicas por parte dos professores, que destacam aspectos como a gratuidade, o material impresso, doação de vídeos ou livros avaliados como bons e, usados durante e após o término do curso. Ou seja, por mais que estes assuntos ainda sejam complicados de se trabalhar, os estudos têm apontado um avanço nas formações em sexualidade e educação sexual. Atualmente, fica cada vez mais evidente para os professores que é necessário que a educação sexual aconteça na sala de aula, sendo indispensável a formação para abordá-la.

Quanto ao conteúdo do curso, nenhum deles se limitou a informações sobre os aspectos anatômicos e fisiológicos da sexualidade. Todos os cursos se atentaram em entrelaçar os temas com a escola, o currículo e o PCN, o que, como salientado, facilita o trabalho em sala de aula, se aproxima da prática e faz com que os professores saibam trabalhar com seus alunos a ES em suas variadas formas e transversalmente.

É importante destacar que os cursos compreenderam conteúdos de gênero, corpo, diversidade, biologia/educação, saúde/educação e não somente “educação sexual” ou sexualidade”. Para além destas temáticas, um dos cursos trabalhou com a questão religião, e outros dois, com sexualidade infantil.

Temos clareza de que estas formações não serão capazes de romper totalmente com a visão de sexualidade que estamos condicionados há séculos, porém podem minimizar vivências sexuais repressivas e preconceituosas. Sendo assim, partindo do pressuposto que vamos nos constituindo como sujeitos nos ambientes que vamos frequentando, e que ao discutir a sexualidade com os pares, articulando os aspectos biológicos com as questões sociais, culturais, entre outros aspectos, estaremos produzindo novas formas de tratar a sexualidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2009.

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário: e os outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

GIDDENS, A. **As transformações da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GONÇALVES, H. A. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. **O (des) conhecimento dos alunos do curso de Pedagogia quando à orientação sexual na escola**. In: Ribeiro, P. R. C.; Silva, M. R. S. da; Goellner, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: Fundação do Rio Grande, 2009.

LEÃO, A. M. C. **A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadore(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência**. 259f. Relatório de Pós-Doutorado apresentado à Fapesp, Departamento de Psicologia da Educação, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual: Princípios para ação**. In: *Doxa: Revista Paulista de Psicologia e Educação*. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da FCL/UNESP. V. 15, n. 1, p.75-84, 2011.

MELO, S. M. M.; VARELA, C. M.; KORNTAZKI, L. **A produção de curso on-line de sensibilização sobre Educação Sexual: Formação de professores à distância no ambiente virtual de aprendizagem**. In: X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância (ESUD), Belém PA. Anais do X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância (ESUD), 11 a 13 de junho de 2013. Belém PA: UNIREDE, v. 1. p. 1-13, 2013.

PEREIRA, G. R.; VIEIRA, R.; MELO, S. M. M.; CHAGAS, I. **Formação Docente e Educação Sexual: proposta de estudo comparativo das realidades portuguesa, espanhola, brasileira e argentina**. In: Cláudio B. Gomide de Sousa e Paulo Rennes Marçal Ribeiro. (Org.). *Políticas Públicas em Educação no Contexto Ibero Americano*. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 125-131, 2012.

RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. **Gênero e diversidade na escola: notas para a reflexão da prática docente**. In: Rial, C.; Pedro, J. M. e Arend, S. M. F. (Org.). *Diversidades: Dimensões de Gênero e Sexualidade*. Florianópolis: Editora Mulheres, p. 401-420, 2010.

RIZZA, J. L. **Sexualidade e Formação Inicial: dos currículos escolares aos espaços educativos**. Tese Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

ROSSI, C. R.; FREITAS, D.; CHAGAS, I. **A formação continuada de professores (as) no Brasil e em Portugal: Reflexões acerca da educação sexual nas instituições escolares**. *Revista ELO*, v. 19, p. 35-41, 2012.

SAINT-GEORGES, P. **Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios econômicos, social e político**. In: Albarello, Luc et al. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações Ltda., p. 15-47, 1997.

SENATORE, R. C. M.; RIBEIRO, P. R. M. **Um estudo sobre a sexualidade infantil a partir do**

discurso de um grupo de professoras. In: Chakur, C. R. S. L. (Org.). Problemas da educação sob o olhar da psicologia. São Paulo: Cultura Acadêmica/ Laboratório Editorial FCL, p.141-170, 2001.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais:** identidades, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.